

## ***A DRAMATURGA AMÉLIA RODRIGUES***

Ivia Alves\*

Esta comunicação é um resultado parcial da pesquisa que desenvolvo sobre a produção literária e paraliterária da autora, intitulado *A construção do pensamento feminista de Amélia Rodrigues*.

Antes de analisar a situação da produção teatral de Amélia Rodrigues, será necessário fazer algumas considerações.

A distância do momento em que viveu a escritora para o momento atual não difere muito quando se trata da obra de uma mulher, pois o cânone literário da historiografia brasileira não registra sua produção, fato que a coloca, junto com muitas outras, numa espécie de limbo.

Como Amélia Rodrigues faz parte do rol de escritoras mulheres que deixaram de ser registradas ao longo deste século nas histórias literárias do Brasil ou nos ensaios gerais sobre a situação da Bahia, há necessidade de se resgatar sua biografia e contextualizar o momento cultural em que viveu, assim como para interpretar os seus escritos saber de que lugar a escritora fala (seja pela classe social, seja pelo espaço geográfico, seja por ser mulher) para detectar através de seu discurso suas propostas literárias e seu ponto de vista enquanto mulher falando de mulheres e dos primeiros momentos da luta pela emancipação feminina.

Atualmente, quando, por alguma situação, a escritora é lembrada, é registrada como educadora, e só em segundo lugar, como escritora. Isto significa que a profissão que ela exerceu por vinte anos é superior aos quase quarenta anos de atividade literária e jornalística. Evidentemente que o preconceito aí aparece claramente, pois ela é uma das pioneiras da luta pela igualdade e instrução da mulher na Bahia.

---

\* Doutora em Teoria Literária. Departamento de Letras/ UFBA.

### RÁPIDOS ELEMENTOS DA SUA BIOGRAFIA

Nascida em um distrito da principal região produtora de cana de açúcar, Santo Amaro, importante região de poder econômico e político da Bahia, Amélia Rodrigues era proveniente de uma família sem fortuna nem terras, fato que poderia ter dificultado sua atuação no âmbito público, seja como escritora ou jornalista. Tem-se conhecimento de que, por aquela época, fins do século XIX, a mulher, para atuar na área pública, como escritora, teria que ter o apoio do marido ou da família para poder sustentar-se por muito tempo no campo literário. Tem-se farta documentação, em livros da época, das várias críticas restritivas à produção de autoria feminina elaboradas por críticos renomados, que podiam fazer ascender uma carreira ou decepá-la na sua raiz.

Por razões ainda não conhecidas por esta pesquisadora, Amélia Rodrigues foi instruída com a ajuda de parentes padres, tomando-se uma mulher instruída, além de poder sustentar-se economicamente. Seus estudos foram orientados por padres e frades, que viviam na região. Assim, estudou latim, leu os clássicos, aprendeu francês e alemão. A língua alemã lhe foi muito útil porque ela traduziu inúmeras obras que foram publicadas pela imprensa religiosa. Chegaram até nós, várias traduções por ela realizadas e publicadas, além de farto material de manuscritos de traduções inéditas.

Tornou-se professora quando ainda não era obrigatório ter o curso normal, mas preparou-se para este tipo de atuação nos dois últimos anos de sua formação no colégio particular de D. Cândida Alvares dos Santos, em Santo Amaro. Aos dezoito anos fez seu primeiro Concurso Público para o magistério em Santo Amaro e exerceu a função em um povoado nas imediações de sua terra.

Começou a publicar ainda muito jovem, com 18 anos e passou a colaborar com jornais de Santo Amaro escrevendo folhetins e poemas. Escreveu sua primeira peça teatral com 20 anos, *Fausta*, que encenada no teatro de Santo Amaro teve muito boa recepção.

Por muito tempo colaborou em periódicos empresariais, na grande imprensa, alternando tal colaboração

com a da imprensa religiosa. Nos últimos quinze anos de sua vida, porém, restringiu seu campo de atuação a imprensa religiosa.

Depreende-se do seu acervo que Amélia Rodrigues lia muito e tinha várias áreas de interesse que iam desde a filosofia, a ética e a moral, passando pela literatura estrangeira, até a informação do que vinha acontecendo no mundo, como os movimentos socialistas e a luta da mulher - através de periódicos nacionais e estrangeiros. A pasta de recortes de jornais o demonstra claramente.

### SEUS PRINCIPAIS TEMAS

Inicialmente, seguiu os temas do romantismo, mas sempre dando uma nota pessoal, uma autobiografia de seu estado de alma, de seus sentimentos, de sua condição social e de seu ajustamento com os problemas dos oprimidos e excluídos.

Já na década de noventa, passa a incluir os motivos religiosos, temática que irá predominar em sua poesia daí em diante.

A mudança temática, conferindo prioridade aos motivos religioso, é atribuída por seus biógrafos à morte de seu pai. No entanto, considero duvidosos causa e efeito. Creio mais que a mudança deva ter ocorrido por um fato substancial que não chegou à tona a ser detidamente analisado pela crítica da época.

Vamos tentar fazer uma releitura, desconstruindo o senso comum de seus biógrafos masculinos, e dentro de uma perspectiva contemporânea rever os passos dessa jovem escritora.

Em 1890, com a morte do pai, que provavelmente lhe dava respaldo com seu nome para legitimar Amélia Rodrigues no jornalismo, ela, solteira, prefere transferir-se para Salvador e através de outro Concurso Público na capital recomeça a abrir espaço na imprensa local. De sua saída da terra onde vivia e do pouco espaço que encontrou na imprensa da capital da província, podemos tirar algumas conclusões: Amélia Rodrigues tinha uma profissão de classe média, professora primária e com

esse trabalho não só se sustenta como também mais duas filhas de seu irmão mais moço. Isto denuncia uma situação de família de poucos recursos financeiros. Saber-se pobre e ter consciência disso no tipo de sociedade em que vivia era um dos empecilhos a qualquer tipo de desejo de ser escritora. O poema abaixo evidencia como se sente:

*Sou pobre, meu Deus, sou pobre!  
Que triste, que infausta sina;  
Vossa vontade divina  
Na minha frente escreveu!  
Pobre... idéia assustadora  
Que a manhã de minha vida,  
Que eu sonhava tão florida  
Num momento escureceu!*<sup>1</sup>

Outro fato que fundamenta essa hipótese de uma possível adaptação da temática da escritora aos motivos religiosos parte de que apenas com o seu salário não daria para sobreviver, assim necessitando não só colaborar em jornais como fazer traduções, que propiciavam recursos a mais para ter uma melhor existência. No entanto, sem um protetorado, a escritora não tinha penetração no cenário literário. É muito comum, no século XIX e princípio do século XX, a legitimação da escrita feminina por um escritor ou crítico de renome ou o lastro legitimador de um nome de família abastada seja do pai ou do marido, para que a mulher escritora consiga um espaço na imprensa e, principalmente, após seu lançamento, permanecer no cenário cultural da sua terra. Sem a respeitabilidade de um sobrenome e sem a legitimação do pai, Amélia lança mão do único protetorado conhecido - a Igreja. Resulta dessa aproximação a possibilidade de ter um espaço aberto para publicar a sua produção, e a reiteração de temas religiosos em sua poesia. Assim, ganhava a respeitabilidade social.

Sua aproximação com a Igreja dava-se no momento em que esta estava necessitando de escritores para assegurar sua permanência na sociedade, face a crescente laicização da sociedade. Neste caso, a aproximação da escritora e da imprensa

<sup>1</sup> *Sou pobre*. In *O Monitor*, 1.11.1879 p.2

religiosa era inevitável. No entanto, hora alguma nesta releitura dos fatos, excludo sua profunda formação religiosa.

Mas foi Amélia Rodrigues que procurou aproximar-se da Igreja e ela mesma confessa em sua primeira produção para as *Leituras Católicas*, editadas em Niterói. O texto de 1893, portanto 3 anos após a morte do pai e dois anos de vida em Salvador, explicita, candidamente, sua investida:

*[...] ia eu em caminho de renunciar ao prazer da correspondência, quando achei para o problema uma solução arqui-medal, e disse com os meus botões - vou bater à porta da "Leituras", esse mimo de imprensa religiosa e pedir-lhe um cantinho onde dirigir-me a Artêmia. [...] isto, sim senhora, nem mais nem menos: simplesmente um arrojo. E se as "Leituras" me mandarem plantar batatas?... Se me disserem que no salãozinho perfumado não tem ingresso quem deseje palrar por desfastio e que vá papaguear a outro ramo? Fico de asas cortadas! [...] Quem não arrisca nem perde nem ganha. Insuflei-me de ânimo e lá fui. A condescendência com que me acolheram prova e de sobra o fato de estar eu aqui, de te achares tu a destrinçar toda essa enfiadeira de frioleiras alinhadas pela minha penazinha, que não saiu precisamente da oficina onde se fabricou... a de Rui Barbosa. (Grifos meus)*<sup>2</sup>

Esta carta inicia sua atividade na Coleção da imprensa religiosa, por onde saíram a maioria de suas obras. Evidentemente, que a temática da autora deveria ser direcionada para os interesses da coleção, embora, em várias publicações paraliterárias a autora em sua militância avance mais um pouco em suas propostas para a emancipação da mulher.

É impressionante observar-se como, nas primeiras décadas deste século, o poder da igreja na área de editoração é muito forte, com mais de uma dezena de revistas em vários locais do Brasil, várias coleções mensais de livros e inclusive um jornal. Havendo boa recepção por parte da sociedade que tinha instrução, porque a grande maioria era católica. Os jornais

<sup>2</sup> (Dinorah(pseud. Amélia Rodrigues) . *Cartas a uma amiga*, 1893. in *Leituras religiosas*)

diários começavam a ter maior regularidade, mas não traziam uma grande área de lazer, além de notícias e reportagens diárias e efêmeras. A crônica, os contos, os poemas e mesmo peças de teatro ficavam para as revistas que já havia um público leitor acostumado a ler textos mais longos e literários.

É por essas brechas, por essas confluências de seu tempo e do contexto que Amélia Rodrigues penetra e faz ao lado de uma carreira de professora e diretora de instituições para crianças pobres, sua carreira literária.

#### *A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE AMÉLIA RODRIGUES*

A trajetória intelectual de Amélia Rodrigues abrange mais ou menos cinquenta anos de mudanças marcantes dentro do contexto brasileiro e da Bahia. Ela nasceu e viveu 27 anos de sua vida dentro do regime monárquico e com a escravatura, viu a abolição dos escravos, a implantação da primeira república, a crescente separação da religião do poder político, vivenciou a primeira guerra mundial, a revolução russa, o poder da ciência e da ética burguesa como maneira de ver o mundo. Percebeu a crescente laicização da sociedade, o crescimento dos movimentos socialistas, a luta da Igreja para permanecer no poder, criando mecanismo para não perder seus fiéis, a transformação da imprensa em empresa, enfim a priorização da ciência sobre todos os saberes. Dentro dessas mudanças, que imprimiram fortes modificações no comportamento e atitudes dos indivíduos, ela se manteve informada através da leitura de livros e periódicos nacionais e internacionais e, o mais interessante para nós, informou-se sobre o movimento de emancipação da mulher e, dentro de sua formação intelectual e sua orientação religiosa contribuiu para ampliar os horizontes das mulheres baianas.

Portanto, tanto por instrução, por sua formação intelectual (instrução) e por sua convivência com o clero e pessoas da classe alta burguesa, o discurso de Amélia Rodrigues, assimila o discurso da classe dominante, embora, em pequenos espaços de seus textos, não deixe de evidenciar traços de sua classe e de sua condição de mulher.

A primeira categoria - a classe - está amplamente contemplada em poemas, peças de teatro e textos em prosa, quando alude ou insere personagens pobres, filhas de família desfavorecidas mas que por inteligência ou por oportunidade procuram instruir-se e se igualam ou se sobressaem sobre a maioria das colegas de classe alta. Também, principalmente nas peças teatrais, coloca uma consciência clara de sua condição na divisão de classes na sociedade.

Da condição de ser mulher na sociedade conservadora em que o trabalho ou a herança está na mão do homem e a mulher, pobre ou por infortúnios financeiros como a morte do marido passava a ser dependente dos parentes, ela sempre mostra que o caminho para qualquer uma para sua independência será o da instrução.

Por consequência do discurso da modernidade, onde está embutido a idéia do progresso enfatizado a partir da República no Brasil, a representação da mulher modifica-se passando a ser responsável pela harmonia da família e com pela divisão de trabalho pela sociedade burguesa, também responsável pela formação e educação dos futuros cidadãos, que, bem formados, irão contribuir para o progresso da nação.

Amélia Rodrigues inclui, dentro desse discurso, a liberação da mulher. No entanto, ela não se propõe a modificar os papéis exercidos na sociedade mas incentiva a transformação da mulher ignorante em uma mulher instruída.

Pergunto eu: Seria apenas esse seu pensamento ou seria uma forma de luta sem abdicar da aprovação da sociedade em que ela vivia?

#### *A PRODUÇÃO TEATRAL*

Além de poemas, romances, contos artigos de divulgação religiosa, Amélia Rodrigues tem uma grande produção para teatro. São cerca de 34 peças entre monólogos, diálogos, comédias e dramas.

Não podemos deixar de fazer menção para duas considerações sobre o teatro no Brasil, na fase finissecular. O estudo de Valéria Andrade Souto Maior deverá demonstrar o

grande número de mulheres que passaram despercebidas pelo cânone literário brasileiro, mas que não só escreveram como encenaram muitas de suas peças teatrais.

A produção teatral no Brasil sempre enfrentou a competição peças francesas e inglesas. A parte que restou para o intelectual brasileiro, após o romantismo, foi o teatro burlesco, a comédia de curta duração, que serviam como uma espécie de esquentamento, um intróito alegre ou burlesco para a drama principal, de origem estrangeira. Portanto era o teatro do século XIX um gênero menor.

Cada vez mais relegada as peças a “trailers” das principais, foi uma área colocada no limbo durante muitos anos portanto um setor da literatura adotada pelas escritoras mulheres, porque ficavam a salvo da crítica ferrenha dos comentaristas e articulistas dos periódicos.

Ficavam assim, as escritoras numa fronteira onde não ecoavam os ressentimentos nem as competições da esfera pública, ainda dominada pelo homem, e pelos temas trabalhados, na maioria, na fronteira entre a esfera doméstica e a pública, destinada a um público leitor feminino ou adolescente.

É nesse seio, nesse útero que as produções teatrais de Amélia Rodrigues se inserem. Destinadas às crianças para sua formação de caráter, sempre abordam temas que possam servir de exemplo de conduta e quando vão mais longe, exploram criticamente as mudanças morais e comportamentais da época.

A produção teatral de Amélia Rodrigues está dentro desse âmbito. No entanto, até agora, só localizamos para a nossa pesquisa onze, um terço da sua produção, que não nos dá condições para uma análise conclusiva, mas apenas para detectar certos traços da autora.

Em primeiro lugar, todas as peças foram editadas por editoras religiosas e isto quer dizer que têm um compromisso com os parâmetros morais da Igreja.

Em segundo, como seriam encenadas para um público determinado, ainda não adulto, tanto os temas como a linguagem são para atingir este público infantil e juvenil, lidando com certos problemas afetos às transformações do mundo e o comportamento de um jovem bem formado, orientam-se para a ética conservadora e religiosa. Alguns exemplos podem ser

mostrados: a moça recatada e conduzida pela moral cristã e as moças levianas, voltadas para as festas, a moda e os salões, estas últimas criticadas fortemente.

Para as crianças temas alegóricos sobre os valores morais ou lições para uma condição condigna para os dois públicos a que se destinam - a maldade, o desprezo pelos pobres pelos empregados, a rebeldia são rechaçados e a partir da conscientização desses comportamentos e sentimentos o personagem retorna ao bom caminho, As peças terminam sempre em harmonia, com o perdão dos feridos e humilhados ou perdoados e compreendidos pelos adultos. A exceção está na peça *Progresso feminino*.

Quanto à linguagem, ela é simples mas escorreita, reproduzindo as vezes, o registro de fala da classe pobre, alijada da instrução. As classes sociais pela linguagem são bem demarcadas pela linguagem e o universo que vivem, embora a autora nunca coloque um personagem néscio entre os personagens da classe baixa.

Nos deteremos rapidamente em três peças da autora, apenas para evidenciar o caminho que segue.

*A madrasta* (1917) é um tema muito conhecido da Gata Borralheira. No caso a menina enteada que era maltratada vai ser levada por uma tia rica, irmã da sua mãe, que se encontrava fora do Brasil e nas suas atribulações não tinha ainda vindo ao país para revê-la. A idéia básica é de não se maltratar nem humilhar os necessitados nem desamparados. A religião ainda aparece como vetor central da peça.

Em *As vontades de Leticia* (1924), o trecho da peça da peça focaliza uma garota de 12 anos, rebelde, matreira, que humilha a cria da casa e se faz acreditar que é boa menina com a mãe. Inclusive ela sabe que pode manipular com a mãe que lhe faz todas as vontades. O ponto culminante acontece no momento que ela se corta com uma jarra que ela mesma quebrou e diz para mãe que foi a cria que o fez, por maldade. Leticia não sabe que a mãe vem sofrendo do coração e ao tomar conhecimento do fato e ver sua filha banhada em sangue, um abalo nervoso, desmaiando. Percebendo a gravidade da situação, Leticia desfaz todos os enganos e evidencia sua dupla personalidade.

Nesse texto, a autora já trabalha com a atitude de certas mães, que em geral, têm certa passividade em educar os filhos, podendo transformá-los em indivíduos sem ética ou moral religiosa.

Finalmente, *Progresso feminino* acompanha o rastro de deformações sobre as feministas inglesas e norte-americanas divulgados pelos periódicos do país e de outros centros. A ideologia dominante do país infere que esse tipo de luta reverte não só a natureza da mulher como os papéis dentro da sociedade. Não sendo visto com bons olhos, as autoras da época<sup>3</sup> tentaram sempre afastar-se desse tipo de militância.

As deturpações que vinham pela imprensa (e mesmo se chocavam com os preceitos da religião) faz com que a autora na peça inverta os papéis do masculino e do feminino - trabalho (esfera pública e privada) comportamento, personalidade e até vestimenta.

A mulher, advogada, exercendo a profissão na rua, veste-se com roupas masculinas, fuma charuto e dá as ordens para o marido. Este é um poeta, que gerência a casa, toma conta do filhinho de meses e controla o orçamento. A ação se inicia já pela crise. Em casa, a cozinheira pede as contas, e irá haver um jantar para pessoas que são clientes da advogada. A mulher estressada, chega e encontra a casa em confusão, pois o marido não dá conta da alimentação do filho nem da cozinha. Há uma personagem mais velha e ignorante, futura cliente da advogada que a espera e corresponde ao julgamento das atitudes encontradas naquela casa invertida.

O interesse da peça é evidenciar que nem um nem outro, por "suas naturezas" foram feitos para desempenhar os papéis da sociedade de maneira invertida. Interessante, também como a autora, inverte as falas dos dois personagens mostrando que as relações não podem, de maneira alguma, se modificar.

O pré-conceito, a obediência das normas sociais escrevem esta peça, que já deve ser representada por jovens quase adultas, diria que ela foi escrita para ser interpretadas por colegiais/normalistas, que estão a ponto de definir o seu futuro.

<sup>3</sup> Até agora já encontrei com o mesmo tema e a mesma posição produções de Ana Ribeiro, Eneida de Moraes (Para, 1929), de Maria Luísa de Souza Alves e o próprio texto de Amélia Rodrigues.

No entanto, gostaria de ver a reflexão da autora, 60 anos depois, neste momento atual, quando a própria sociedade enviou essas mulheres para a esfera pública a fim de participar da manutenção da casa. Se bem que as tarefas domésticas ainda estão a cargo da mulher. Mas mesmo assim, como ela reagiria?

### A PRODUÇÃO TEATRAL DE AMÉLIA RODRIGUES

*Fausta* (drama em 4 atos) 1886.

*A natividade*. (drama sacro). 1889 Música. R. Domeneck. Cenários: Lopes Rodrigues.

*Leituras recreativas*, A caridade. A porfia das flores. Bahia: Tip. Salesianas, 1901. 5)

*Leituras recreativas* Marieta das Flores. O Bilhete de Loteria. Poesias. Bahia: Escola Tip. Salesianas, 1901.)

*O charlatão*. 1901.

*A madrasta*; drama em 1 ato. In: *Almanak do Mensageiro da Fé*. Bahia: Tip. São Francisco, 1917. n.3

*Borboleta e abelha* (drama) Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1921; 4 ed. Petrópolis: Ed. "Vozes", [?](Palco Juvenil)

*Filho adotivo*.

*No campo da imprensa*. (farsa). 1916.

*Antes do leilão das flores* 1921.

*Peças infantis*. Niterói: Escolas Prof. Salesianas. 1922

*Publicações dramáticas* Arremedos de grande tom. Recife: 8.

*Publicações dramáticas* A educação. O afoito e o teimoso. A loteria de Madrid ou a ocasião é que faz o ladrão. Recife: 10.

*Leituras Católicas: Teatro infantil* (1 fasc.), inclui: Hoje, amanhã; Santos amores; O meu dever; Se dependesse de mim; As duas colegiais; O ramo de flores. Niterói: Esc. Prof. Salesianas., 232); 2 ed., 1922.

*Leituras dramáticas: Teatro Infantil* (2 fasc.), inclui Pedindo desculpas no começo de uma festa de férias; O anjo dos pobres; O pintor malgrado; A ralhadeira. Niterói: Esc. Prof. Salesianas. (, 236)

*Revista Leituras Católicas* Almas sertanejas. (drama nordestino em 3 atos). Lavrinhas/S. Paulo: Tip. Salesianas S. José, 1923.

- Leituras dramáticas de Lavrinhas* Almas sertanejas 2 ed.  
Niterói: Esc. Industrial D. Bosco, 1961., n. 835.
- Leituras Católicas* :Teatro Infantil (3 fasc.) O meu presente; As vontades de Leticia. Niterói:, 1909; 2 ed, 1924.
- Leituras Católicas* Dois gênios opostos. Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1924.
- Publicações Dramáticas* O vagabundo (cômico-dramático). Recife:, 121
- Publicações Dramáticas* As férias; Lembrança de uma festa colegial. Recife.(?).
- Publicações dramáticas* A leitora de romances. Recife: Colégio Salesiano do Recife.).
- (Leituras Católicas)* Progresso feminino (comédia). Niterói: Escolas Prof. Salesianas, 1924 n. 506
- O leilão da rosa*; diálogo. Bahia: Instituto Feminino, 1926.